

As sementes plantadas pelas histórias, e as histórias que nasceram dos encontros a partir da ação intervenção narrativa, realizada pelo Coletivo Cafuzas¹

Roberta Stein

*Nós pedimos licença a todos os povos africanos
Nós pedimos licença a todos os povos originários
Nós pedimos licença aos seres da mata e às forças da natureza
Nós pedimos licença a todas as mulheres que vieram antes de nós e que abriram caminhos para que
pudéssemos estar aqui
Nós pedimos licença aos guardiões da palavra
Coletivo Cafuzas*

INTRODUÇÃO

Trago aqui algumas histórias vividas e alguns trechos das contadas pelo Coletivo Cafuzas, grupo este que foi fundado por Daniela Landin, Rosana Borges Silva e por mim, Roberta, em 2014. As licenças apresentadas, com as quais início este ensaio, são algumas das que costumamos pedir antes de iniciarmos nossas apresentações de narração de histórias. Inspirada por elas e num ímpeto de ganhar fôlego para iniciar este texto, gostaria de pedir além destas as que vêm a seguir:

Peço licença para elas, Rosana e Daniela, minhas amigas-irmãs de arte e vida, com as quais vivenciei grande parte do que se encontrará escrito neste texto, porque algumas histórias contamos juntas e outras separadas, em variados contextos cuidando umas das outras.

Peço licença a elas duas porque foi tanta coisa vivida que muitas vezes não achei que eu pudesse escrever sobre, logo eu que tenho dificuldade em escrever e que, apesar de amar tanto a poesia, não a encontro na minha escrita. Logo eu que sempre me expressei melhor pela oralidade.

Sigo nesta difícil missão, porque relutei muito em escrever sobre nós por conta da responsabilidade envolvida acerca de falar de vivências, processos e ações de um coletivo e

¹ Ensaio apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-graduação em “Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas para a Educação” orientado por Giselda Perê. Faculdade de Conchas – Polo “A casa tombada”, São Paulo, 2019.

por se tratar de nossa relação com o estar em constante aprendizado com estas culturas imensas pelo que são, transbordam e representam.

Quais memórias e histórias eu deveria contar? Qual recorte eu poderia fazer, por se tratar de quase cinco anos e meio de existência, de projetos, ações e vivências, com muitas pessoas envolvidas ao longo destes anos como público, convidados e convidadas que enriqueceram encontros com a generosidade de seus compartilhamentos, e para os quais também peço licença.

Espero conseguir transmitir aqui um pouco da nossa trajetória e da riqueza de aprendizados e compartilhamentos mútuos que tivemos e, principalmente, transmitir um pouco de como as histórias foram recebidas e como estes encontros inesperados sempre amparados e estabelecidos pelas narrativas nos revelaram ao longo de nossas ações.

Ao longo destes mais de cinco anos, muitas sementes foram plantadas e tivemos recepções das mais diversas. Foram bons encontros e poucos nos causaram incômodo ou estranheza, mas por ser uma ação muito viva e com diversos acontecimentos há a necessidade de fazer-se uma escolha para contar essa história e uma vez que ela é feita, há sempre um ganho e uma perda

Optei, então, pela ação da *intervenção narrativa* por ter sido uma das primeiras que elaboramos e fomos vivenciar enquanto ainda estávamos nos entendendo como coletivo e tudo que nasceria a partir daquelas sementes que estávamos plantando, não só em nossos colares - que aprofundarei mais para frente - mas também nas relações, no coração, na alma, na cabeça, no olho no olho, no mergulho dentro destas culturas e nos desdobramentos destas narrativas, as contadas e as que nasceram a partir dos encontros.

1. O início: a semente que sentimos necessidade de germinar

Este ensaio busca trazer, na experiência que tive na realização das ações propostas pelo Coletivo Cafuzas, como as histórias no contexto da ação intervenção narrativa foram recebidas e possibilitaram reflexões acerca das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, que são tão imensas e que dizem respeito a todos nós, mas também sobre cada pessoa que esbarramos por acaso numa praça, encontramos numa biblioteca, descansando na grama, olhando para o nada (ou para dentro de si mesmo), conversando com outras pessoas, passeando, indo trabalhar, estudando, etc.

Meu nome é Roberta, sou contadora de histórias, atriz, mediadora de leitura e arte-educadora, e desde que me formei em Artes Cênicas, em Londrina, em 2004, e vim para São Paulo, tenho vivido e experienciado muitas travessias que têm contribuído para muitas transformações e aprendizados tanto na minha vida pessoal como na profissional e nas relações que tenho construído ao longo do caminho.

Nestas andanças e projetos, fui conhecendo diversas pessoas que contribuíram para esses aprendizados e transformações e entre elas estão Daniela e Rosana com quem iniciei o Coletivo Cafuzas, com o qual vivi as histórias que virão a seguir. Neste trabalho me concentrarei nas memórias e projetos realizados até o ano de 2018.

Um dia nos unimos para unirmos também o desejo de pesquisarmos as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras com foco nas narrativas orais e escritas principalmente por serem tão responsáveis pela nossa formação e que nos foram roubadas, nos foram tiradas, invisibilizadas propositadamente.

Pensamos que para nós, como contadoras de histórias, seria de extrema importância, visitarmos, conhecermos, adentrarmos as narrativas destas culturas que possuem uma tradição oral tão viva e presente até hoje e de um valor imensurável de saberes, conhecimentos e ensinamentos, e uma rica e potente escrita não deixando que estes valores se percam.

Estas culturas, de alguma forma, sempre estiveram muito fortes e presentes nas nossas vidas, mas queríamos iniciar uma imersão que sabíamos, seria para sempre, pois quanto mais pesquisássemos mais descobriríamos o quanto não nos foi passado nas escolas, nos livros, nos jornais, nas revistas, como parte de um plano cruel eurocêntrico de apagamento para que acreditássemos numa história única e esquecêssemos que, na verdade, existem muitas histórias, desdobramentos, lutas e muita, mas muita resistência. Para tanto trarei termos que acredito serem essenciais no desenvolvimento deste trabalho: *imaginário comum, ancestralidade e oralidade*.

Começo abordando o *imaginário comum* baseado muitas vezes em estereótipos, mitos, e impressões sobre determinada comunidade, povo, ou sociedade, os quais são julgados sem um conhecimento profundo sobre os mesmos, gerando uma imaginação coletiva que contamina e gera preconceitos, discriminações, violência e racismo.

O entendimento do imaginário como uma categoria com essa amplitude ajuda-nos na compreensão do pensamento de uma determinada formação social porque assim concebido, o imaginário transforma-se numa categoria analítica que engloba tanto a contraditória história das representações das relações sociais concretas assim como das complexas manifestações simbólicas de um povo – a

complexa potência dramática e poética de cada sociedade. (Motta, 2002, p.105 apud Quirino, 2014 p. 278)

Ao falar sobre imaginário coletivo me lembro da escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra na Conferência Anual – TED Global em 2009, em Oxford-Reino Unido com o tema “A Essência das Coisas Não Visíveis” em que ela fala dos “*Perigos de uma história única*”, sobre os estereótipos que são criados a partir de um imaginário comum pautado em referências equivocadas, por se acreditar que é daquela forma porque se leu em algum lugar, a televisão mostrou ou alguém contou.

Estereótipos, estes, criados para uma desvalorização de alguma cultura, de algum lugar, de algum povo, ou modo de ser, por conta de interesses como o embranquecimento, a exploração para conseguir poder e riqueza e, uma falsa superioridade, como se existisse uma forma “universal” de se estar no mundo e, se você não pertence a esta forma, você é diferente.

Como se todos não fossem diferentes e ao mesmo tempo não pudéssemos ter igualdade de direitos, a forma como deveríamos nos respeitar e nos enxergar no mundo, como se a diferença, não pudesse ser o que agrega o que ensina e é interessante e mais justo.

A palestra de Chimamanda (2009), para mim, tem uma contundência e uma força trazida por ela, em forma de narrativa, com uma riqueza de detalhes e de fatos que chocam tamanha a comprovação das consequências desastrosas que acreditar numa única história pode causar, para tanto segue um trecho de sua fala:

É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente.

Para o Brasil, inspirada por Chimamanda, eu poderia dizer: comece uma história com a invasão do Brasil e não o descobrimento do Brasil, com homens e mulheres que foram escravizados a força e seqüestrados de seus países e não os escravos trazidos da África.

A diferença de como se começa uma história define o outro, e como nos foi contada e ainda é contada para nós, brasileiros e brasileiras, infelizmente uma história única, eurocêntrica e de apagamento, faz com que cada vez mais precisemos eliminar esta distância causada pelos interesses dos que propagaram existir o que é “universal” e o que não é.

O contato hegemônico converte simultaneidade em não-contemporaneidade, inventando passados para dar lugar a um futuro único e homogêneo. Assim, o fato de que os princípios legais vigentes na sociedade civil deste lado da linha não se aplicam ao outro lado não compromete sua universalidade. (SANTOS, 2009, p. 74)

Precisamos urgentemente quebrar esta barreira na luta por buscar eliminar todas as formas de preconceito, portanto, gostaria de lembrar aqui as palavras do líder indígena do povo Krenak, Ailton Krenak² em seu texto *Narrativa Krenak: O eterno retorno do outro* (Géledes 2013), segue:

Só quando conseguirmos reconhecer essa diferença não como defeito, nem como oposição, mas como diferença da natureza própria de cada cultura e de cada povo, só assim poderemos avançar um pouco o nosso reconhecimento do outro e estabelecer uma convivência mais verdadeira entre nós.

Assim como Ailton, a educadora Cristine Takuá³ quando questionada em um bate-papo sobre o que para ela era uma forma de estar junto, disse: “*Estar junto para mim, significa conhecer o outro, porque se a gente conhece o outro, não tem o preconceito*”. Na mesma mesa, o cacique e pajé Pawanã Kariri Xocó também trouxe em sua fala a importância de não – indígenas visitarem sua aldeia, dançarem o toré, conhecerem sua cultura para desfazerem estereótipos, bem como a importância do trabalho que desenvolvem junto a educadores em diversas escolas quando estão em São Paulo para que transmitam as especificidades de seu povo.

Uma vez estive em uma dessas conversas em que Pawanã e seus familiares e amigos, entre eles seu filho, se apresentaram em uma escola particular em São Paulo, com canto e dança e depois conversaram com os professores, lembro que Pawanã disse:

Enquanto vínhamos até aqui, as crianças que encontrávamos pelo caminho faziam o gesto de bater a mão na boca com um som, elas fazem isso porque nunca alguém ensinou a elas que quem faz isso é o indígena norte-americano e não nós.

² Ailton Krenak pertence a etnia Krenak, do médio rio Doce, em Minas Gerais onde nasceu em 1953. Realizador a *Mostra de Cinema Indígena ALDEIA-SP*. com apoio da SP-Cine, 2016. Membro do Comitê Executivo da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, MG e dirige o NÚCLEO DE CULTURA INDÍGENA- NCI.

³ Bate-papo entre a educadora Cristine Takuá, indígena do povo Maxacali, e o cacique e pajé Pawanã KaririXocó, no Sesc 24 de maio, com o tema: Jeitos de estar junto: Como podemos apoiar efetivamente a luta dos povos indígenas. Parte da programação Abril Indígena, 2019.

Falas como estas que trago neste trabalho nos fazem ver quantos equívocos são tidos como única história e as conseqüências disto são atrozés. Apenas para citar uma de milhares, quando ainda se comemora o dia do índio, data esta que os indígenas não vêm razão para comemorar, uma vez que é lembrada sempre com atividades que trazem uma imagem estereotipada e sem nenhum aprendizado sobre a riqueza cultural e as muitas formas de estarem no mundo. Não se fala, por exemplo, sobre o genocídio de muitos povos, ou sobre os mais de 250 povos que resistem e lutam por todo o Brasil.

Em um post no facebook o artista visual Denilson Baniwa (2018) faz um apelo para que parem de comemorar este dia, entre suas palavras sobre esta data ele diz:

Senhor, perdoe aqueles que por desconhecimento nos fazem uma imagem estereotipada, Mas livre-os do desconhecimento e do preconceito que os fazem acreditar que ainda somos os indígenas de 1500. Amém! (post do facebook por Denilson Baniwa, em 18 de abril de 2018)

Desta forma, quando nos unimos com o desejo de pesquisarmos as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras com foco nas narrativas orais e escritas, tínhamos o desejo de conhecer as histórias contadas por comunidades e sociedades com forte tradição na oralidade. Para nós, se não as conhecêssemos mais a fundo, era como se estivéssemos sem entender uma parte essencial e fundamental de nós mesmas como contadoras de histórias, tanto no que se refere ao aprendizado como ao que se refere à disseminação dessas histórias.

Desde o início em 2014 tínhamos esse desejo de nos aproximar e aproximar as pessoas das histórias que não nos foram contadas, por conta da riqueza e da profundidade encontradas nestes universos culturais e também da percepção no que se refere às constantes tentativas de negar e criminalizar práticas ligadas a modos de vida tradicionais sofridas historicamente por integrantes e descendentes de diversos povos africanos e indígenas no Brasil.

Tínhamos vontade de contribuir, de alguma forma, com o fortalecimento dessas culturas, pois entendemos que dizem respeito à nossa própria formação cultural, à nossa história e à nossa ancestralidade, e também por acreditarmos na importância de realizar um trabalho de recuperação e valorização da oralidade vinculada em espaços públicos, abertos e fechados, no sentido de ampliar o acesso a essas temáticas. Cada uma tinha para além dos desejos enquanto coletivo os seus pessoais, dos quais tenho propriedade para exemplificar e retratar apenas os meus.

Muitas vezes me questioneei, enquanto brasileira, sobre a distância entre o ensino e a história que não nos foi contada e que é nossa, me sentia com uma lacuna que precisava ser preenchida como algo que fazia parte de sair de uma bolha que me incomodava por eu saber que não estava em contato com a verdade, aquela que conta a história dos povos indígenas

que estavam aqui bem antes de o Brasil ter sido invadido pelos portugueses e aquela que explica como foram trazidos mulheres e homens escravizados das formas mais atroz e desumanas, e por entender as injustiças geradas por este vazio, no ensino de forma geral, desde os livros didáticos, bem como as datas comemorativas baseadas em estereótipos, etc. Isso gerava em mim um desconforto e uma vontade de fazer algo.

Este incômodo sempre esteve comigo durante o tempo em que trabalhei como educadora de teatro em M'boi Mirim e Grajaú ambos localizados na zona sul de São Paulo, pois eu falava com jovens e crianças e via muitas vezes sua auto-estima abalada, a confiança em si mesmos comprometida, uma falta de perspectiva e sabia que precisava ir atrás de formações, textos de verdadeiras histórias que pudessem me ajudar a mostrar algo que nos foi apagado e que se propagado poderia contribuir para novas relações consigo mesmos, com seus entornos, as pessoas a volta deles e o mundo.

Minha tendência é interpretar a democracia racial mais como máscara do que como ideal. Se fosse um ideal, viria acompanhado de ações e políticas públicas concretas para integrar os negros na sociedade, para possibilitar oportunidades reais. Outra circunstância agravante da democracia racial é que ela impõe o silêncio (...)O racismo mata quando discrimina, e mata, pela segunda vez, porque prejudica a conscientização tanto das vítimas quanto dos discriminadores em torno das relações raciais. Para os americanos, o racismo não é segredo, eles assumem. Por conta disso até conseguiram promover leis contra a segregação racial e implementar políticas de ação afirmativa. (MUNANGA, Kabengele, texto on line, site do Geledés, 2017, sem página)

Acredito que começar a propagar as verdadeiras histórias nas várias áreas da minha vida com a família, amigos, e como arte-educadora faça parte não somente de compartilhar o que tenho aprendido nestes anos, mas também do processo de entender minha branquitude e meus privilégios. No texto “Branquitude” elaborado por Sofia Noronha, ela diz:

Como brancos, devemos nos reconhecer como seres racializados e falar do racismo, mas do lugar de fala do branco: através da branquitude. Apenas quando desenvolvemos consciência da nossa branquitude que de fato tomamos o caminho do antirracismo. (2019, sem página)

Esse texto vem ao encontro de uma reflexão sobre o que devo fazer em relação a tudo que vem com essa compreensão e com ações que abordam estas temáticas. Seja nas histórias narradas, nas rodas de compartilhamento de experiências, na mediação de um livro, entre outras tantas formas de se estar sempre em contato se revendo, refletindo e encontrando formas de estar na constante busca de diminuir barreiras, que geram injustiças de todos os âmbitos e que geram indignação. Esta indignação esta que deveria estar presente em todos nós, e que trouxesse a todos a luz de que é preciso falar sobre branquitude e privilégios.

1.1. Uma reflexão na busca de como transformar a indignação em ação:

Trabalhar a escuta, de qual lugar eu falo, questionando quando devo falar, se devo falar, indo atrás destes questionamentos, possibilitando e indo a encontros com os protagonistas, respeitando o lugar de fala e a experiência de cada um. O termo “lugar de fala” tem muitas origens e é usado em diversos contextos, para este trabalho irei contar a reflexão proposta pela ativista, escritora e filósofa Djamila Ribeiro que em seu livro “O que é lugar de fala”, traz o seguinte contexto acerca do tema:

(...) Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras é preciso, cada vê mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. Como disse Rosane Borges para a matéria “O que é lugar de fala”, pensar lugar de fala é uma postura ética, pois “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”. (p. 84)

Porque antes sentia um incômodo, uma angústia que não sabia ainda elaborar formas de acessá-la, mas hoje as discussões estão em todos os lugares se procurarmos enfrentá-las, ouvir mais do que falar, sentir, e encontrar formas de se estar junto, por que é uma luta de todos e que faz parte de uma dívida histórica com consequências imensuráveis para a população negra e indígena como: o racismo, preconceito, a violência policial, as desigualdades sociais, autoestima baixa, genocídio do povo indígena, falta de demarcação de terras para os indígenas, genocídio da juventude negra, falta de emprego, mecanismos de invisibilização e propagação de estereótipos dentre outras injustiças que só geram dor, revolta e indignação.

É preciso cada vez mais buscar caminhos para exterminar estas formas de opressão junto à educação, às artes, à cultura, dentro das casas, nas conversas com amigos, nos livros didáticos, em formas não mais equivocadas e mentirosas de disseminação e buscando a valorização urgente destas culturas, que estão presentes e são responsáveis pela nossa formação e nos deixaram e nos deixam constantemente um imenso legado de saberes e fazeres e que precisamos estar conscientes de que não podemos continuar sem dar visibilidade a algo tão imenso e fundamental de uma forma que venha a impactar de forma justa e positiva como deve ser.

2. Ancestralidade e o começo de muitas histórias

Para falar de *ancestralidade*, assim como de tantos conceitos trazidos anteriormente, profundamente ligados à ação do Coletivo Cafuzas, e que considero de extrema importância, seria necessário um espaço maior do que este. Sei que cada um deles, se fosse trazido em detalhes e com os desdobramentos que podem ter a partir de suas discussões, mereceriam um ensaio para cada um. Por saber de toda esta complexidade me vi muitas vezes me questionando sobre o que traria e como conseguiria passar por cada assunto com o cuidado e a responsabilidade que merecem.

Diante disso, para o recorte escolhido neste ensaio, abordarei o tema de uma forma sintética, como forma de defini-los, pois de maneira alguma poderia falar do Coletivo sem falar de todas essas questões apontadas desde o início.

No artigo “Nossa força é a ancestralidade”, Gerson Brandão diz

que a força vem da ancestralidade é a lição de todos os dias nas religiões de matriz africana: uma mensagem educativa de valorização da família e de respeito aos mais velhos. E a história de sofrimento, mas também de resiliência relacionada com a chegada do povo negro no Brasil é o melhor exemplo de que os ancestrais devem ser uma constante fonte de inspiração. (texto on line, Por dentro da África, 2017, sem página)

Formado o Coletivo e iniciadas as pesquisas, cada uma de nós começou a se questionar também sobre a sua ancestralidade com mais afinco e a buscar por entender sua própria história. Me vi como uma criança que pega seu bloquinho de notas e vai perguntar para o pai e para a mãe sua ascendência, e assim o fiz: talvez já tenha feito essa pergunta para algum trabalho da escola, mas eu não guardei na memória quem sabe porque não entendesse quão importante isto era e é; talvez, também, porque não era assunto em casa ou na escola tenha sido tratado apenas como mais uma tarefa.

Não me lembro ao certo, apenas vagamente, de surgir em minha infância este assunto sobre árvore genealógica e que pouco ouvi e, na verdade, acredito que não tenha ouvido durante minha infância e adolescência a palavra ancestralidade, que veio ficar tão presente, agora adulta. Graças as nossas pesquisas e contato com as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, que possuem esta palavra muito presente, tamanho seu valor, pois diz muito sobre quem somos, e porque sempre valorizaram aqueles que vieram antes de nós e lutaram e resistiram para que pudéssemos estar aqui hoje.

Nas falas seja dos convidados e convidadas de nossos projetos, ou em outras palestras que estive presente com as temáticas indígenas, africanas e afro-brasileiras, na comunidade

Quilombola de Sapatu, no Vale do Ribeira (SP), na aldeia indígena Tenondé Porã, em Parelheiros (SP), na aldeia Tekoa Itakupé, no Jaraguá (SP), em qualquer lugar e contato que tive com líderes, militantes, educadores, caciques, pajés, escritores e escritoras, sempre ouvi sobre a importância de reverenciar a ancestralidade, tudo que fizeram antes de nós.

Isso foi se tornando cada vez mais forte, além de sentirmos esta necessidade como narradoras de histórias que somos e por estarmos pesquisando estas culturas que dizem respeito a nós e a nossa formação, vimos a importância e a falta que fazia entendermos melhor nossa ascendência. Para além disso, acredito que seja algo importante independente de qualquer tradição, pois, talvez se todos entendessem e soubessem mais sobre a própria ancestralidade, não haveria tanto preconceito, racismo e intolerância.

Com essa percepção, fomos então atrás de nossas próprias ancestralidades, e eu sentia uma necessidade enorme em saber minha ascendência, pois como brasileira entendia que de alguma forma teria ascendência indígena ou africana.

Sendo assim, vou falar um pouquinho de cada uma de nós:

Daniela é filha de mãe afro-indígena e pai branco, ambos do interior de São Paulo. Por parte de mãe, ela vem de uma família miscigenada formada por pessoas negras, brancas ou socialmente brancas e muitas de traços indígenas, e embora a ancestralidade indígena seja mencionada por algumas pessoas, ela não é identificada a partir de um povo específico. A maior parte dos documentos dos antepassados é caracterizada simplesmente por imagens, já a família de seu pai é formada por pessoas brancas, de ascendência italiana e espanhola, cuja ancestralidade é amparada por diversos documentos. Por parte de mãe sua avó é mineira e o avô é piauiense e por parte de pai seus avós são do interior de São Paulo.

A ancestralidade materna de Rosana é Pataxó Hã Hã Hãe, que é união de alguns povos que foram muito massacrados, descobriu a pouco que seu avô ascende dos Kariri Sapuya, sobre sua avó sabe apenas que é italiana. Sobre a ancestralidade paterna, parece que seu avô era português e sua avó de descendência indígena, mas não sabe de qual povo.

Sobre a minha ancestralidade, as informações que tive de minha mãe e de meu pai, bem como de meu irmão mais velho que foi um pouco mais atrás dessa genealogia, é a de que meus bisavós maternos eram portugueses por parte de minha avó e turcos por parte de meu avô e meus bisavós paternos eram suíços e italianos por parte de avó e alemães por parte de avô, mas que por minha avó materna ter nascido em Iguape localizada no estado de São Paulo no Vale do Ribeira, e que foi uma das primeiras cidades a serem invadidas pelos portugueses e espanhóis colonizadores, e onde foi muito presente a influência negra e indígena. O pai de

minha avó se casou novamente, e não tive acesso, mas pessoas da minha família que puderam ver estas fotos dos parentes de minha avó afirmam que por elas é possível notar a presença indígena e negra, porém não tenho documentos, precisaria de uma busca mais profunda e provavelmente somente indo a Iguape para conhecer esta parte da família que não conheço ainda. Saber sobre minha ancestralidade me trouxe angústia e confusão por não me sentir pertencendo ao que está escrito em certidões e às informações que tenho, é não encontrar identidade ao que me dizem que faço parte em minha genealogia.

E diante disto não me senti pertencendo a nenhuma das nacionalidades às quais deram o meu sobrenome, não tive contato com suas culturas, ainda não visitei estes países, não sei dos costumes, suas tradições, talvez eu saiba algo sobre suas comidas típicas, música, e nada mais, não me sinto pertencendo, não tive curiosidade ou senti um chamado para pesquisá-las. Me sinto, antes de tudo, brasileira com todas contradições, pluralidades, dificuldades e belezas que possam existir em se ter esta nacionalidade e portanto me senti responsável, dentro de todo o apagamento a que fui, e muitas pessoas são, submetida na escola, de não conhecer a palavra *ancestralidade* durante um longo período da minha vida, de não ter relação com nenhuma tradição, com saberes e fazeres de qualquer cultura durante a maior parte da minha vida.

Por ter vivido no interior de São Paulo até meus 21 anos, onde um antigo Casarão que tinha memórias da época da escravização se tornou uma casa de cultura. Lá, onde fiz teatro a adolescência inteira, e apesar de ser um lugar onde eu fazia uma das coisas que mais amava, sentia tristeza por ter sido ali um local ligado a tanta crueldade.

Dentre estas contradições descobri recentemente outra, a de que atualmente este antigo casarão serve de base para as vivências da Comunidade Filhos da Semente em seus encontros de Jongo⁴, este lugar foi novamente ressignificado por uma comunidade desta importância. Como vou pouco para Indaiatuba não sabia disto até recentemente e creio que muitas pessoas lá não sabem, bem como as pessoas que estiveram nas mesmas escolas que eu não têm conhecimento da história que não nos foi contada.

Uma vez desconectada de raízes e tradições culturais senti necessidade de saber mais sobre o país no qual nasci foi formado, quem estava aqui antes, quem chegou depois, quais as histórias que não nos contaram dos massacres, dos genocídios, da violência, das opressões e

⁴ Conhecido também como caxambu e corimá, o jongo é uma dança de origem africana e dançada ao som de tambores (VIEIRA, Kauê - Afreaka.)

tudo que vem com a sabedoria, com as lutas, com a resistência, com a arte, a espiritualidade, as histórias, a medicina, a natureza, o conhecimento, a beleza e a grandeza das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras.

2.1. Na educação, a luta para a criação das leis 10.639 e 10.645 e a importância de seus desdobramentos.

A questão do apagamento e dos equívocos “planejados” na educação tentaram ser minimizados pelas leis 10.639 aprovada em 2003 que altera a Lei das Diretrizes Básicas da Educação (LDB) inserindo a história e cultura afro-brasileira e africana como conteúdos obrigatórios e seis anos depois, em 2008, a Lei 11.645 que inclui também a história e cultura dos povos indígenas brasileiros, ambas as leis são resultado de muitos anos de luta dos movimentos de resistência e militância negros e indígenas, no caso dos movimentos negros desde 1970.

No caso dos movimentos, dentre as várias lutas, professores indígenas também se manifestaram e foi necessário então que o governo da época diante das reivindicações e da necessidade de se promover uma educação democrática e combativa ao racismo e estereótipos aprovasse estas leis, pois professores, professoras, educadores e educadoras, coordenações de escolas e pessoas interessadas entenderam a necessidade da busca de mais informação, formação e de entrar em contato com formadores que possuíssem conhecimentos e saberes que trouxessem ensinamentos para além do que aprendíamos nas escolas.

Infelizmente para se conhecer de fato o que aconteceu na história dos povos africanos trazidos sequestrados e escravizados para o Brasil em diáspora e dos povos indígenas que aqui estavam é preciso ir atrás de livros que contem esta história, sites confiáveis, e pessoas engajadas e que estudam profundamente a respeito para poderem disseminar, sem cometer injustiças, como as que já conhecemos, as histórias de como se deram e se dão as relações da época da colonização até os dias de hoje e todos seus desdobramentos e conseqüências.

Desta forma sempre me deparo com o questionamento de como podemos ter crescido com tantas lacunas na nossa história, por conta de um projeto de embranquecimento cruel com a vinda de imigrantes europeus sem que fossem dadas condições às populações negras e indígenas de se refazerem do processo violento de colonização.

Quando o Brasil se tornou independente de Portugal (a partir do ano de 1822), a primeira questão que a elite quis saber foi *Como construir a sua identidade com tantas misturas: índio, negro, branco?* Acharam que o caminho era branquear o povo. Começaram a defender a mestiçagem. Só que, sabemos, a mestiçagem é também um atalho para o branqueamento. Na cabeça dos ideólogos do branqueamento, o brasileiro chegaria a ter uma *raça*, mestiça na origem, branca na

aparência. (MUNANGA, Kabengele, texto on line, site do Geledés, 2017, sem página)

Como a educação pode ser tão eurocêntrica a ponto de não aprendermos na escola desde crianças as verdadeiras e múltiplas histórias dos povos indígenas que aqui viviam antes de o Brasil ser invadido? A primeira mentira que nos contam é que o Brasil foi descoberto e não invadido, que os indígenas não resistiram bravamente e não tinham alma ou como demoramos tanto para entender que a África é um continente com mais de cinquenta países e não um país só? E como não tivemos acesso a tudo que este continente tem de riquezas, belezas, cultura, conhecimento e sabedoria.

A história que quiseram nos ensinar se ateuve a mostrar apenas uma parte, a mais terrível e a qual foi responsável por conseqüências avassaladoras até os dias de hoje, que foi a escravização de mulheres, homens e crianças trazidos das formas mais absurdamente cruéis, sem dúvida nenhuma, tanto para indígenas como africanos existe uma dívida histórica das mais imensuráveis a se reparar.

2.2. Os desdobramentos das ações Rodas de Compartilhamento de Experiências e das Intervenções Narrativas propostas pelo coletivo.

Desde que comecei junto ao Coletivo ir mais a fundo na pesquisa das histórias presentes nestas culturas, entendemos que então se iniciava uma pesquisa que seria infundável, e desde o começo sabíamos que se tratava de um constante estado de pesquisa.

Foram muitos projetos, muitas ações, muitas pessoas convidadas que contribuíram imensamente para cada encontro e muitas que estiveram presentes como público interessado a aprender/compartilhar. Foram temas diferentes, porém sempre com o foco nas culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, pois são muito amplas e possuem muitos saberes e visões de mundo.

Consegui citar aqui cada convidado e convidada, mas suas falas e compartilhamentos foram tantos e tão importantes que não conseguiria reproduzir com a riqueza de detalhes que merecem, mas o que posso dizer é que desde que começamos as formações dentro e fora dos projetos, não conseguimos mais parar de ir atrás, juntas ou separadas à palestras, atos e outras formas de estar em contato com estas culturas e desde 2014 temos vivido e tido muitas experiências transformadoras e agregadoras, aprendemos muitas coisas que ficarão em nós, profundas.

Para mim, muito do que vivi durante estes anos com o coletivo acerca destas culturas, ficou, aconteceu e tocou⁵. As falas de cada convidado e convidada, as histórias contadas, as ouvidas, as vividas, nada foi embora, tudo ficou e me emociono várias vezes ao escrever este trabalho, porque ao revistar as imagens e reviver as memórias penso no privilégio de ter podido estar em todas estas ações poder ouvir estas pessoas com um grande acúmulo de saberes que ultrapassam qualquer entendimento e transbordam de ensinamentos do que ainda temos e sempre teremos muito que aprender, pois os aprendizados sobre estas culturas nunca se esgotarão ou serão suficientes.

Me lembro até hoje, quando na comunidade quilombola Sapatu no Vale do Ribeira, conheci mais de treze cachoeiras numa trilha que fizemos, eu que nunca havia conhecido ou entrado em uma, ao chegar na última cachoeira que estava mais dentro da mata do que todas, e que se chama Queda de meu Deus, foi impressionante a presença que senti de uma energia muito forte, fiquei muito emocionada, e a água que caía formava em nossos olhos arco-íris, nunca tinha enxergado entre arco-íris, foi uma experiência maravilhosa, que lembrei na aula da professora Vivian em um dos primeiros dias da pós, e que volto a lembrar agora na finalização.

Na aldeia Itakupé, lembro do encontro entre os Guarani M'Bya e os Kariri Xocó (AL), como parte dos encontros do Povo Parrir, projeto que minha amiga Priscila Jácomo realiza junto a algumas comunidades indígenas acerca do palhaço sagrado. Este dia na aldeia, foi simplesmente inesquecível, por presenciar um encontro repleto de generosidade e respeito, nos ensinaram muito, nos emocionamos, rimos, dançamos e vivenciamos momentos de extrema beleza pelo simples ato de estarmos juntos respeitando o jeito de cada um estar no mundo.

3. As narrativas orais e escritas:

Como eu disse no início deste trabalho, tenho mais facilidade para me expressar pela oralidade, acredito que seja um meio muito poderoso de comunicação, de se relacionar, de mostrar o que pensamos, de mostrarmos nosso estado de espírito, de estabelecermos relações,

⁵ Jorge Larossa Bondía afirma em **Notas sobre o saber de experiência** que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça”.(p.21)

de pautarmos combinados, de trazermos reflexões, de muitas coisas em várias áreas da nossas vidas e de contarmos histórias.

Para relatar nossa relação com as histórias e as relações que se deram a partir de alguns momentos vividos em uma das nossas ações, a intervenção narrativa, acredito que seja importante fazer uma contextualização sobre o começo, de quando estávamos entendendo como estes encontros se dariam.

No Coletivo partimos do pressuposto de que a ideia de uma ação pode ser de uma maneira quando ainda não estamos em relação com o público e que no encontro pode se dar de outra forma, pois a narração, assim como o teatro e qualquer outra linguagem na qual se estabeleça uma relação com o público, tem riscos, pode surpreender, e não temos o controle. Ou seja, são ações muito vivas, e portanto, imprevisíveis, nos exigindo presença, escuta, empatia, confiança e sensibilidade para o que vier a se estabelecer naquele encontro.

O autor Hampaté Bâ(2010) transmite para mim, algo muito profundo sobre a tradição oral, esta, que está muito presente em todas as ações do Coletivo e das culturas em questão:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar -lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (BÂ, Hampaté, 2010 p. 169)

O Coletivo desenvolveu diversas ações ao longo de mais de cinco anos tentando compartilhar e aprender aspectos e elementos destes universos culturais imensamente vastos em rodas de compartilhamento de experiências (nas quais participaram muitos convidados e convidadas e com os quais sempre aprendemos intensamente), apresentações de narração de histórias, formações de contação de histórias, intervenção urbana, e formações teóricas acerca das culturas indígenas e africanas. Sendo assim, o recorte para este trabalho foi feito a partir da narração de histórias e sua receptividade no contexto das intervenções narrativas.

Antes de falar das ações às quais trago neste trabalho, é fundamental dizer da importância das políticas públicas na disseminação e no fortalecimento ao combate a tantas barreiras, preconceitos e injustiças citadas neste trabalho para que projetos como os que realizamos e os quais cito aqui possam ser viabilizados e acessados.

Acredito na importância e no caráter essencial de políticas públicas de incentivo a projetos que tragam uma diversidade de temas, de protagonistas e de espaços, tanto no que se refere a possibilitar agregar grandes convidados que fazem toda a diferença nos conteúdos,

experiências e saberes transmitidos em seus compartilhamentos como ao que se refere em relação ao público sendo este espontâneo, jovens e crianças de escolas convidadas, bem como de professores (as) e educadores (as) em busca de formação acerca das culturas supracitadas. Nestes cinco anos de coletivo foi possível realizar projetos com grandes e fundamentais parcerias, como profissionais de diversas áreas, autores (as), artistas, educadores (as), além de possibilitar com que pudéssemos realizá-los em espaços que entendemos como importantes de serem contemplados como bibliotecas municipais, parques, praças, no sentido destas discussões e programações estarem presentes em lugares descentralizados assim como estarem presentes em locais públicos, onde existe uma diversidade de público que os acessa, como os lugares já mencionados e o Centro Cultural São Paulo no qual fomos contempladas com o Edital de Mediação em Arte de 2014 e também o Programa de Ação Cultural – PROAC, sendo este último de Estímulo à Leitura e o qual possibilitou a realização dos seguintes projetos: “Encontros Cafuzos: da tradição oral à cultural escrita, da praça à biblioteca”, “Ocupação [cafuzo] pela palavra: oralidade e escrita no compartilhamento de saberes e fazeres retorno para estreitamento de laços” e “Palavras ancestrais: portais para encontros”.

Infelizmente, estamos passando por um momento muito crítico na atual conjuntura política em que as políticas públicas e editais de incentivo à cultura estão sendo cada vez mais ameaçados de serem extintos em prol de um conservadorismo e de um retrocesso que oprimem e que sufocam, mas que sempre encontrarão resistência e luta.

Acredito então que seja importante trazer aqui a experiência do primeiro projeto realizado, em 2014, “Encontros cafuzos – A prática narrativa e outras experiências ligadas aos povos indígenas e africanos”⁶, em que demos início às **Rodas de compartilhamento de experiências** que eram, e ainda são, encontros abertos a pessoas interessadas, caracterizados pela partilha de saberes e práticas relativas às culturas indígenas e africanas, como habilidades manuais, jogos, brincadeiras, narrativas, incluindo relatos de experiência. É uma ação voltada para o aprendizado mútuo dos participantes, em que todos estão convidados a ensinar e a aprender em experiência.

Mesmo esta ação não sendo o foco deste trabalho, gostaria muito de citar aqui as pessoas que tivemos a honra de estarem conosco ao longo de nossos projetos, e contribuíram de maneira imensurável para nossos aprendizados e formações que se estendiam à educadores (as), jovens e crianças. Com certeza foram compartilhamentos que fortaleceram não somente

⁶ “Encontros cafuzos – A prática narrativa e outras experiências ligadas aos povos indígenas e africanos”, aprovado pelo edital de Mediação em Arte do Centro Cultural São Paulo.

as leis 10.639/ 11.645 nas escolas em que esses educadores, educadoras e estas crianças e jovens buscavam formações, mas também para acabar com estereótipos, desfazer equívocos históricos grandiosos, além de contribuírem para a valorização e conhecimento das mesmas, bem como da literatura indígena, africana e afro-brasileira.

Então, como forma de novamente agradecer a generosidade e disponibilidade de como cada pessoa convidada acolheu nossas ações neste momento da trajetória que estou relatando aqui, faço uma parada, para falar destas pessoas que enriqueceram, aqueceram e engrandeceram cada encontro: são grandes escritores, escritoras, militantes, líderes, educadores e educadoras: Adriano Karai Poty, Chirley Pankará, Daniel Munduruku, Olivio Jekupé; Angela Pappiani, Cristino Wapichana, Kiusam de Oliveira, Allan da Rosa, Erika Balbino, Elizandra Souza, Marcelo d’Saete e Lenna Bahule. Deram formações teóricas, Ailton Krenak e Aldenir Dida Dias. Deram formações práticas Giselda Perê de contação de histórias e Milene Valentir de intervenção urbana.

Também fizeram contribuições acerca de experiências e vivências a atriz Dirce Thomaz sobre o Teatro Experimental do Negro fundado por Abdias Nascimento, Rubia Konstantyni contadora de histórias, a minha amiga e palhaça Priscila Jácomo sobre seu contato com os Hotxuás (palhaço sagrado) na aldeia dos Krahô e sobre suas presenças de palhaços na aldeia dos Kariri Xacó, além de nossa amiga Harue Tateishi que nos ajudou com a estamparia dos símbolos Adinkra⁷ e a confecção das bonecas Abayomi⁸, entre outras pessoas, presentes no público que expressaram dúvidas e também compartilharam algo que sabiam como a professora Chrisyina Saghy Kassab que compartilhou uma música e dança indígena que havia aprendido, a todas elas, meu agradecimento.

4. As sementes plantadas por meio das histórias :

⁷ Adinkra: O povo Akan, que hoje se espalha pelos territórios de Gana e Costa do Marfim, é mundialmente conhecido pelas significativas habilidades em tecelagem. Além do kente, outra produção se destaca na cultura local: os tecidos Adinkra, um dos raros exemplos de pano tradicional impresso ou carimbado na África. Caracterizado pelos símbolos visuais estampados, o tecido Adinkra, mais do que um item decorativo carrega mensagens evocativas que transmitem a sabedoria tradicional, os aspectos da vida e do ambiente e as virtudes da cultura local.

⁸ Abayomi: Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de homens e mulheres que haviam sido seqüestrados e escravizados entre África e Brasil – conta-se que as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As [bonecas](#), símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. Ela se tornou comum na arte popular brasileira a partir do movimento de mulheres negras do Maranhão, tendo sido criada por Waldilena Martins ou Lena Martins que buscava na arte popular um instrumento de conscientização e socialização e fundadora da Cooperativa Abayomi.

*Nós não queremos dizer, não temos a intenção de dizer, que o que vamos dizer é verdade.*⁹

Agora sim, cheguei ao ponto final deste caminho, irei adentrar os pontos da ação foco deste trabalho, as **intervenções narrativas**, com as quais muitas vezes antes de contarmos uma história falávamos a frase acima.

Esta ação tem a proposta de que as três narradoras caminhem pelos espaços abertos e fechados, públicos ou privados, sendo praças, calçadas, parques, centros culturais, bibliotecas, etc, contando histórias ligadas às culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, com o intuito de narrar as histórias que são registradas em livros e por meio de uma interação delicada, olho no olho e da aproximação contribuir para a valorização e disseminação destas culturas, buscando eliminar barreiras, estereótipos, preconceitos e despertar o interesse pelo conhecimento das mesmas por meio da divulgação dos livros de onde as histórias são trazidas.

É necessário dizer que sempre buscamos pontuar a importância de termos consciência de que é impossível abarcar a totalidade das mesmas, por se tratarem de universos imensamente vastos e infindáveis, e de estarmos sempre em constante estado de pesquisa.

Tendo como início o projeto supracitado desenvolvido no Centro Cultural São Paulo, caminhávamos por todos os espaços abertos e fechados e contávamos histórias, durante três horas seguidas, para as pessoas que ali estavam e quando tínhamos duas ações no mesmo dia fazíamos uma pausa para almoço e continuávamos mais três horas na parte da tarde, totalizando seis horas de encontros, histórias, trocas, olho no olho, encontros pautados por uma relação que se dava delicadamente, em que a narrativa estabelecia a relação e outras narrativas poderiam surgir, ainda nossas, das narradoras que propunham este momento, como de quem as ouvia.

Durante o tempo que ficávamos nesta ação, *intervenção narrativa*, foi possível compartilhar histórias com o público diverso do Centro Cultural São Paulo (CCSP). Foram experiências únicas e posso dizer que em todos os lugares que viríamos a realizar esta ação, mas no CCSP, como teve este caráter de início, fomos tateando formas de nos aproximar de maneira não invasiva, formas de narrar, de estarmos juntas ou separadas, de entendermos como também nos despedir daquele encontro e de acolher as reflexões trazidas pelas

⁹ Segundo o livro *Meus Contos Africanos*, seleção Nelson Mandela, esta frase é a forma como os contadores de histórias Ashanti começam sua narração.

narrativas. Abaixo uma de minhas memórias acerca desta experiência que relatei no texto reflexivo do projeto no CCSP:

Já as intervenções narrativas trouxeram um contato mais próximo, uma relação de confiança que se instaurava, diálogos muitas vezes longos, muitas vezes curtos ou apenas um agradecimento seguido de um olhar de cumplicidade, desabafos de pessoas que, ao ouvirem as narrativas, queriam nos contar as delas, suas próprias histórias de vida, ou o que tinham aprendido. As reflexões acerca das histórias contadas possibilitavam um espaço para a conversa. Por exemplo, uma história que contei a um homem de origem indiana o motivou a falar sobre a filosofia e as formas de vida encontradas em seu país. E confesso que aprendi demais naquele compartilhamento mútuo. Fomos tomados pela emoção de sentirmos que precisávamos estar ali trocando aquelas palavras. Era nesses momentos que podíamos notar a forma com que a pessoa via, sentia e assimilava aquela história, além da receptividade da escuta e o desejo de narrar. Foram muitos os momentos que guardo na memória, na alma e no coração, como escrevi inicialmente, e serão muitos ainda os encontros e os aprendizados, porque nossas culturas, indígenas e africanas, são muitas, são fartas, são fortes, são lindas, são grandes, são importantes, são instigantes, são enriquecedoras, são nossas”.

Atualmente, estamos no terceiro figurino do coletivo, fomos entendendo aos poucos qual seria esta “apresentação” que nos ajudaria a estabelecer esta outra forma de estarmos inseridas no espaço para instaurarmos esse momento do encontro, e não carregasse de forma alguma elementos que pudessem remeter a estas culturas de forma estereotipada, pois os estereótipos têm causado há muito tempo injustiças sociais devastadoras para a auto-estima e desvalorização das mesmas, estereótipos estes que também buscamos combater.

O primeiro figurino nós mesmas pensamos, era um vestido tipo tubinho bege, com meia-calças e blusa de manga longa por baixo e faixas com o símbolo adinkra Sankofa, e os colares de sementes, sentíamos que ainda não seria daquela forma, mas realizamos os três meses de ações do CCSP com ele. O segundo figurino quem nos ajudou a criar foi o parceiro do coletivo Cleydson Catarina, este figurino era composto por calças de cores diferentes, uma azul, uma verde e uma vermelha e blusas iguais da cor bege, após um tempo, a parceira do grupo Patrícia Ashanti ressignificou os vestidos que usávamos no CCSP e os tornou muito mais dentro da proposta das ações que realizávamos do que o modelo de vestido anterior.

A princípio narramos histórias sozinhas, depois em dupla e em trio, e fazíamos outras ações quando queríamos outra forma de aproximação, como por exemplo, jogar peteca, acender uma vela juntas antes de caminharmos, amarrar nossa faixa com o símbolo Adinkra Sankofa, (que quer dizer, olhar para o passado para ressignificar o presente) em uma árvore, e aos poucos íamos instaurando um primeiro contato para então narrarmos às histórias.

Compartilho também um trecho do texto reflexivo da Daniela e da Rosana para que quem está lendo possa ter o relato da experiência desta ação por outros olhares, no sentido de possibilitar outras referências acerca da intervenção narrativa:

Falar de indígenas e africanos é falar de todos nós. Sempre senti que esse assunto muito me dizia respeito, mas até viver os encontros cafuzos não tinha tido a oportunidade de mergulhar como eu queria nesse universo, por isso, encontrar parceiras e um espaço para me lançar nesse mergulho foi fundamental para o início dessa imersão (sim, início, pois percebi que quanto mais mergulho, mais profundo fica). Tenho ascendência indígena. Meu avô materno terminou a vida morando em uma comunidade Pataxó, em Pau Brasil, na Bahia. Saber mais sobre a forma de vida dos meus ancestrais foi muito especial e importante. Afinal, conhecer sua própria história é fundamental, suas raízes, e isso para uma pessoa que leva a vida contando histórias é imprescindível. As intervenções narrativas foram cruciais para minha formação como narradora. Narrar histórias indígenas e africanas traz a sensação de beber água da fonte. A tradição oral é muito forte para esses povos e cada povo transmite suas histórias com seus ensinamentos, costumes e crenças. As histórias carregam particularidades e dizem muito de cada povo, mas o extraordinário é identificar nessas diferenças muitas semelhanças. Essas histórias falam de medos, de crenças, da convivência entre o ser humano e a natureza, da criação, sendo questionamentos feitos pelo ser humano independentemente de sua origem. As histórias nos aproximam. (narradora-mediadora Rosana Borges Silva)

Um espectro? Uma alma penada? Uma fada? Contrariando a percepção criadora do público – de quem ouvi essas indagações –, apenas uma narradora, que caminha pelos espaços do CCSP com uma vela nas mãos, sedenta por contar histórias de espíritos que habitam árvores gigantescas em florestas africanas e de entes estranhíssimos que povoam as matas e o imaginário de certo povo indígena – no caso, o povo Tukano, que vive no Amazonas, próximo às fronteiras da Colômbia e da Venezuela . "Você me ajuda a acender esta vela?", a narradora perguntava a cada possível interlocutor. Entre o estranhamento e a curiosidade, as pessoas quase sempre aceitavam a proposta do jogo e embarcavam na experiência, sempre arriscada, do encontro. Contando histórias, descobrimos em nossos ouvintes grandes contadores – pessoas que, estimuladas pela narração e por nossa abertura para a escuta, passavam a contar situações de suas vidas, confiando-nos suas fabulações, compartilhando seus modos de ser e estar. Como estão no mundo e pertencem à humanidade, essas histórias podem ser recontadas e reinventadas. Quem sabe um dia ao menos parte delas retorne até os nossos narradores? (narradora-mediadora Daniela Landim)

Nós três compartilhamos alguns momentos neste texto reflexivo citado acima, publicado ao final do projeto, porque tivemos inúmeras experiências durante a realização desta ação, e tudo o que aprendíamos nas rodas de compartilhamento de experiências nos alimentava para estes encontros, no sentido de estarmos em constante e infinito aprendizado relacionado a estes universos culturais. Ao final de cada encontro, quando eu dizia qual era a história narrada, ouvia sobre a importância de falarmos e disseminarmos estas culturas ou as pessoas ficavam curiosas em saber mais, algumas vezes apenas contava a história plantava a semente no colar e ia embora, pois ninguém sentia necessidade de dizer mais nada, de uma certa forma era possível notar que a lacuna histórica fazia parte da trajetória da maioria das pessoas, a cada encontro entendíamos a importância das narrativas que eram transmitidas e das narrativas criadas a partir daquele momento.

Um dia, no CCSP, já estávamos no final daquele período quando resolvemos jogar peteca para movimentar a energia e trazendo a influência indígena e africana (cada qual joga a peteca a seu modo e com os nomes de acordo com sua língua). Um grupo de jovens quis jogar com a gente e depois de jogarmos bastante eles se sentaram e contamos uma história, e então pediram outra e mais outra e fechamos aquele dia muito felizes com o último encontro do dia: jovens com os quais compartilhamos saberes destas culturas.

Foram muitos os encontros durante o período que desenvolvemos o projeto no CCSP e sempre depois de contarmos histórias, acabávamos ao fim do dia tendo mais histórias para contar, mais histórias da experiência vivida ali.

Mesmo que tenhamos mudado de figurino ao longo destes anos, por entender aos poucos como se daria as nossas presenças nestes espaços, algo sempre nos acompanhou: nossos colares e nossas sementes.

Carregávamos (ainda carregamos) conosco uma bolsinha do mesmo tecido do vestido com sementes dentro, e ao final de cada encontro, a pessoa ou as pessoas que haviam ouvido a história escolhiam uma semente que “plantaríamos” no fio pendurado em nosso pescoço, representando aquele encontro e que a partir de então caminhará com a gente, era uma forma de *presentificarmos* aquele momento não só como a semente que a história “plantava” mas com a reflexão que gerava, ou com a memória que ficaria daquele encontro.

O ato de se “plantar” a semente no colar ia nos dando a bagagem/registro das histórias que íamos contando e das histórias do que acontecia a cada encontro. Iniciamos com apenas um fio e hoje cada uma tem muitos colares, acredito que tenho mais de sete, já foram muitos encontros, muitas sementes, muitas histórias, e por mais simbólico que fosse este momento

ele sempre representou muito para nós. As pessoas sempre escolheram com muito carinho a semente que representaria aquele encontro, foram poucas vezes, poucas mesmo, mas já aconteceu de não quererem “plantar” a semente em nossos colares, porque mesmo a gente dizendo que não era uma ação religiosa e sim cultural.

Três pessoas em contextos diferentes, uma na praça, outro em um Sesc e outra em um parque ouviram a história, e ao final, no momento da “plantação” não quiseram escolher a semente para plantarmos, nas três ocasiões estávamos juntas e por mais que tentássemos explicar que era apenas um ato simbólico de “registro” do encontro não adiantou.

Gostaria de trazer aos poucos, desenhando este texto sobre as intervenções narrativas, trechos das histórias que contamos durante esta ação, apenas como forma de compartilhar um pouco destas narrativas que fizeram a ponte e plantaram sementes. Portanto, mesclarei a partir de agora estes trechos com minha fala.

Iemanjá era a filha de Olokun, a deusa do mar. Em Ifé, ela se tornou a esposa de Olofin-Odudua, com quem teve dez filhos. Todos eles se tornaram orixás. Um dia Iemanjá se cansou de viver em Ifé e fugiu na direção do "entardecer-da-terra", como os iorubas chamam o Oeste. Em sua caminhada, conheceu o rei Okerê, que, encantado com a sua beleza, propôs a ela casamento. Iemanjá aceitou, mas desde que ele promettesse jamais ridicularizar os seus seios, que de tanto amamentar seus filhos, se tornaram grandes, fartos, volumosos. Em troca Iemanjá nunca falaria dos defeitos de Okerê. Ele, gentil, tratava Iemanjá com consideração e respeito.

(Lendas Africanas dos Orixás Pierre Verger e Prandi)

No parque Raul Seixas (SP), contamos a história de Iemanjá para uma moça que estava sentada perto de umas árvores sozinha, ela ouviu atentamente, disse que não conhecia a história e que conhecia a história apenas da mãe de Jesus. Nós dissemos que cada pessoa conhece histórias diferentes e que assim vamos conhecendo mais histórias. Perguntamos se ela poderia escolher uma semente para plantarmos em nossos colares, ela disse que não, que preferia não plantar, então explicamos que não tinha um cunho religioso, mas ela disse que mesmo assim preferia não plantar. Respeitamos sua decisão, partimos e pensamos na importância de continuarmos contando estas histórias, aqui, volto a lembrar da frase da Cristine Takuá *“Estar junto para mim, significa conhecer o outro, porque se a gente conhece o outro, não tem o preconceito”*, acreditamos que continuar disseminando essas histórias poderia, bem aos pouquinhos, com muito trabalho e dedicação ir eliminando barreiras, mesmo que seja como uma gota no oceano, acreditávamos na importância de narrar estas histórias, como a dos dois furacõeszinho Nei e Pedro, Pedro e Nei:

Mas um dia, Pedro falou que Nei não poderia mais ir na sua casa, porque sua mãe havia dito que aquelas coisas que ele usava no pescoço eram coisa de macumbeiro. Depois de dizer isso, o menino saiu correndo. Sozinho na esquina, Nei, muito triste, se perguntava:

- A mãe de Pedro não gosta mais de mim? E por causa dos meus fios de contas?!

Narramos esta história, Minhas Contas, de Luiz Antonio uma vez para um moço no Sesc Belenzinho, ele foi muito simpático, disse que tinha outra religião mas que respeitava todas as outras e também não quis plantar a semente em nossos colares, respeitamos, nos despedimos e seguimos nossa caminhada, com a esperança da reflexão ao ouvirmos que ele respeitava outras religiões.

No SESC Belenzinho (SP) em 2015, tivemos muitos encontros, foram muitas sementes também, lá, bem como nas praças das bibliotecas municipais em que estivemos escrevíamos no chão com retalhos, e sementes que tínhamos em nossas bolsinhas a palavra Ancestralidade, e as pessoas paravam, olhavam, e seguiam, de alguma forma estávamos tentando trazer para aqueles lugares uma reflexão sobre a ancestralidade de cada um.

A oralidade presente nas culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, e as histórias transmitidas nesta tradição no sentido de compartilhar saberes, visão de mundo e estabelecer conexões sempre nos fortaleceu, acreditávamos que as histórias eram potentes e ajudavam a quebrar barreiras e a tecer pontes, muitas vezes uma pessoa que estava ou sozinha, ou resistente, acabava ao final da história abrindo um belo sorriso e nos agradecendo e nós também agradecíamos este é o tipo da ação que faz bem reciprocamente para quem conta e para quem ouve, muitas vezes.

Uma vez uns meninos estavam sentados e pareciam rir de nós enquanto nos aproximávamos e então contamos a eles uma história, eles prestaram atenção, agradeceram e ainda ficaram ouvindo a história que contávamos para as pessoas que estavam sentadas próximas a eles, isso para nós, foi gratificante.

Neste mesmo ano tínhamos o desejo de aprimorarmos esta ação, bem como retornar às bibliotecas públicas que já tínhamos realizado ações como forma de continuar as formações e o fortalecimento de público, escrevemos então o projeto “OCUPAÇÃO [cafuzo] pela palavra – oralidade e escrita no compartilhamento de saberes e fazeres, retorno para estreitamento de laços” contemplado pelo edital 36/2015 Proac de Estímulo à leitura.

Neste edital entre outras ações como: os encontros teóricos, sobre aspectos da história e das culturas de povos indígenas e africanos, com a liderança indígena Ailton Krenak e com a professora Aldenir Dida Dias¹⁰ respectivamente, bem como as intervenções narrativas no

¹⁰ Aldenir Dida Dias Possui licenciatura plena em História e mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba/CAPES (2003). É doutoranda em Ciências Sociais no ‘Núcleo Relações Raciais, Memória, Identidade e Imaginário da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Professora no ensino superior nas disciplinas de História da Arte, Sociologia, Antropologia e Educação, Ciências Sociais, História da América, História do Brasil, História da

início em cada biblioteca e após as oficinas de contação de histórias com a contadora de histórias e educadora Giselda Perê¹¹ narradora de histórias, pesquisadora dos mitos e contos tradicionais africanos e afro-brasileiros, e orientadora deste trabalho, e de intervenção urbana com a artista e professora Milene Valentir¹².

Sentimos que estas formações poderiam contribuir imensamente para então encontrarmos caminhos e formas de recriar a intervenção, técnica e artisticamente, oferecendo ao público uma ação modificada, o que seria possível por conta do aprofundamento em três pilares do trabalho: a linguagem da narração de histórias, a linguagem da intervenção urbana e as culturas indígenas e africanas.

Estes três pilares e as pessoas convidadas para cada oficina, cada encontro teórico, contribuíram de maneira grandiosa e generosa, foram encontros riquíssimos de compartilhamentos potentes e que nos ajudaram muito, além de os encontros teóricos terem sido abertos ao público e as oficinas terem vagas para mais participantes, o que foi importante para a disseminação e aproveitamento por mais pessoas da transmissão de conhecimento e participação de forma dialogada.

Tanto a oficina de narração de histórias como a de intervenção urbana tiveram quatro encontros de três horas cada. Na oficina de intervenção urbana foram encontros para artistas e interessados no assunto vivenciarem ações de intervenção urbana no espaço público.

Na formação de intervenção urbana proposta pela ministrante Milene, criamos ações coletivamente baseadas nos primeiros encontros, a partir de referências trazidas de forma dialogada em que ela trouxe diversos artistas e materiais acerca desta linguagem, também foram partilhadas referências pessoais dos participantes e assim construímos algo onde tudo que era trazido era aproveitado durante os encontros.

Andamos pelas ruas ao entorno da Biblioteca Cecília Meireles em Santo André- SP e experienciamos interações, ficamos a deriva, caminhando sem seguirmos placas ou com o

África e dos povos Indígenas da America, História das Civilizações, História da Educação e a disciplina de Patrimônio Imaterial e Memória Social

¹¹ Giselda Perê: Ingressa em 2017 como mestranda no IA/UNESP com o projeto de pesquisa: Os mitos e contos tradicionais africanos e afro-brasileiros na formação de professores: uma prática em arte-educação de combate ao racismo e a intolerância religiosa. Possui graduação em Educação Artística pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (2005), com habilitação específica em Artes cênicas. Atriz, cantora, narradora de histórias atuou em grupos como Cia D'África e Guardiões do Sonho. Atuou como arte-educadora em instituições públicas e privadas desde 2000. Foi educadora no Museu Afro Brasil. Colaborou também como contadora de histórias e formadora do projeto de narrativas Aos pés do Baobá. Foi coordenadora - fundadora do Coletivo Agbalá que entre muitos projetos desenvolveu e realizou uma festa de Bumba-meu-boi com crianças do bairro do Itaim Paulista.

¹² Milene Valentir: Mestrado: Unesp – Instituto de Artes. Pesquisa Errâncias na metrópole: a experiência do Coletivo Mapa Xilográfico desde 2006. Graduada na Universidade Estadual Paulista _ UNESP _ Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, 2005 e Habilitação em Artes Cênicas, 2003. Universidade São Judas Tadeu, Filosofia, 2002. É arte-educadora na Educação de Jovens e Adultos – EMEF Prof. Vicente Bastos, Prefeitura de São Caetano do Sul, desde 2010. Lecionou a Disciplina Arte na rua do Curso de Especialização do Instituto das Artes da Unesp - UMAPAZ em 2010 e 2011. Ministra oficinas de artes visuais desde 2007.

objetivo de chegar a algum lugar, fizemos uma ação de convidar as pessoas para ficar com a gente sem fazer nada e depois fazer um piquenique na biblioteca, com o intuito de ocuparmos os espaços públicos de várias formas e assim interagirmos de outras maneiras para além das que fazíamos nas intervenções narrativas e também para nos aprofundarmos de forma prática e teórica na linguagem com a qual iniciamos nosso trabalho no sentido de aprimorarmos esta ação e nos fundamentarmos para sabermos melhor de que formas nossas interações com as pessoas e com os espaços públicos e privados poderiam se dar de outras maneiras.

A intervenção urbana como prática artística pode ser um caminho para a resistência cotidiana. Seu potencial de interferência na ordem vigente de fluxo e funcionamento dos espaços pode servir como um campo coletivo de criação de dissonâncias, de comunicação com os que habitam determinado lugar, de pautar discussões abafadas pela mídia oficial, de criação de simbologias próprias e, além disso, da percepção da potência coletiva em ações que toquem a realidade espaço-temporal. “A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida, experimentada. Ela, a partir do momento em que é praticada, ganha corpo, se torna “outro corpo”. (JACQUES, 2006:124, APUD UGLIARA, Milene Valentir, 2012:02).

Na oficina de contação de histórias, conforme proposto pela ministrante Giselda, foram abordadas técnicas de narração de histórias, e a relação das histórias com a música, a dança e os objetos. Partindo dos princípios que regem os narradores tradicionais africanos, griôs.¹³ Vivenciamos experimentos artísticos, e de entendimento da sequência narrativa de histórias tradicionais.

Foram dias de muitos compartilhamentos e vivências enriquecedoras, Giselda generosamente compartilhou suas técnicas e nos passou exercícios para que pudéssemos trabalhar as histórias, a memória, a palavra e assim cada participante pode tirar dúvidas, relatar seus processos e partilhar suas histórias. Assim, pudemos ouvir histórias, aprender outras formas de se estar em contato com as mesmas e ainda experimentar exercícios que nos ajudassem a aprimorar e nossa forma de estar transmitindo histórias pela oralidade.

É importante dizer os vários momentos pelos quais o ato de narrar histórias passou, dentre eles devido a rapidez das informações, e a revolução industrial, quase se perdeu o olho no olho, a forma próxima e a transmissão das histórias pela oralidade, como bem traz o dramaturgo Luis Alberto Abreu em seu texto O Narrador contemporâneo:

A tarefa de transmitir as experiências significativas do ser humano permanece a mesma, mas torna-se imensamente mais complicada nos dias atuais. Além da desmobilização da comunidade de ouvintes numa sociedade marcada pelos

¹³ O griot ou griô é um mediador dentro da sociedade; ele resolve conflitos e leva a calma. Ele é músico, cantor, contador de histórias, dançarino, um organizador das cerimônias sociais que utiliza a palavra como seu principal instrumento – contou em entrevista exclusiva ao Por dentro da África o griot Hassane Kouyaté, natural de Burkina Faso, país da África Ocidental e filho do griot Sotigui Koyaté)

meios visuais, além do enfraquecimento da transmissão de experiência num mundo cultural tomado pelo entretenimento e pela informação, não possuímos mais a coesão cultural num nível aprofundado como se verificava numa pequena comunidade agrária. Era esse nível de coesão e conhecimento da história da própria comunidade que predispunha os ouvintes a mergulhar nos conteúdos da narrativa e vivenciar a experiência alheia. Essas dificuldades todas solicitam do narrador contemporâneo um preparo e um treinamento que vai muito além de inflexão, modulação de voz e voluntariedade. Requerem um estudo aprofundado da estrutura da narrativa oral, a construção de novas narrativas que levem em conta as experiências contemporâneas, além de apurado preparo técnico não apenas para narrar, mas, principalmente, para despertar a imaginação dos ouvintes e fazê-los participantes na construção da narrativa.

O ato de narrar foi aos poucos sendo recuperado, por conta da necessidade novamente de as pessoas se aproximarem, de as relações voltarem a se estabelecer, pelo gesto simples e delicado da presença, de se olhar no olho e de compartilhar momentos, a volta da narrativa começou a se dar em muitos âmbitos, inclusive no teatral. Então, enquanto narradoras de histórias, que entendem o desafio de estabelecer uma relação pela narrativa, estamos sempre em movimento, buscando nos reciclar e entender os processos de aprendizado do ato de narrar, conhecendo novas histórias e recebendo novas práticas de narração, por isso sentimos a necessidade da formação e sabemos nunca estarmos prontas e sempre em constante aprendizado.

“Depois de muito andar chegou no meio do bosque e resolveu parar para descansar ao pé de uma grande árvore. De repente, ele viu nos galhos daquela árvore uma enorme quantidade de pássaros com penas muito feias, sem cor, sem brilho, ao contrário das vozes, quando começaram a cantar, era a coisa mais linda que Onixegum, esse era o nome do mago, jamais tinha ouvido na sua vida. E como ele era mago e tinha o poder de falar com os animais, decidiu fazer a seguinte proposta aos pássaros: -Acho que a natureza foi injusta dando a vocês penas de cores tão feias e sem brilho. Já sei que posso ajudá-los a terem as penas bem coloridas e brilhantes”. (trecho inspirado na história Canto dos Pássaros, do livro O papagaio que não gostava de mentir e outras fábulas africanas de Adilson Martins)

As formações teóricas trazidas por Dida Dias e Ailton Krenak, assim como todas as rodas de compartilhamento de experiências, principalmente as que tivemos pessoas convidadas, nos trouxeram conhecimento e informações que nos foram negadas durante nossa formação escolar.

Para nós e para os participantes que estiveram presentes nas mesmas, foram dias intensos e muitas vezes densos, as histórias que fizeram parte deste apagamento proposital e cruel, são histórias de muita injustiça, dor, resistência, lutas e massacres, como já trouxe neste trabalho anteriormente e como muitas vezes trago de volta por estarem presentes nestes anos de Coletivo e que ainda assim não foram esgotadas e nem serão, por que são muitas as verdadeiras histórias e porque o acesso a elas ainda se dá em menor escala do que seria o necessário para mudarmos tantas desigualdades, equívocos brutais, racismo, preconceito e

formas de se estar junto, ao mesmo tempo que criando barreiras para estes preconceitos e estereótipos, encontrando formas de acessar pontes para conhecer as histórias que nos foram tiradas.

Buscamos, após estas formações criarmos outras formas de estarmos nos espaços, de abordarmos as pessoas, de iniciarmos uma história, de estabelecermos um contato, algumas vezes conseguimos fluidez e organicidade nesta ação, algumas vezes não, algumas vezes conseguíamos nos imbuir de uma concentração e energia propícias ao trabalho, outras vezes nos confundíamos, estávamos dispersas e nos atrapalhávamos na condução. Acredito que faça parte de ações vivas, em que cada dia aprendemos algo, cada dia nos colocamos o desafio e em que todas as vezes o contato com a pessoa que abordaríamos é que estabeleceria a história a ser narrada e a reflexão gerada.

Foram muitos e muitos encontros, as histórias retiradas de livros de reconto ou as histórias tradicionais, eram compartilhadas e assim disseminadas as obras onde poderiam encontrá-las, onde, assim se alimentava e se alimenta o ciclo do narrar e ler e do ler e narrar, passamos por muitos lugares e abordamos muitas pessoas, e as recepções foram muitas e diversas, mas o poder de uma história pode ser tão sublime que várias vezes ficamos surpresas com as reações

Revi fotos, puxei pela memória, tive flashes e ao mesmo tempo memórias de encontros inteiros, e o que posso dizer destes encontros é que muitas vezes vimos nos rostos das pessoas identificações, dúvidas, confusões, sorrisos, olhares de agradecimento, algumas vezes incomodo, constrangimento e até uma certa discordância que me parecia uma intolerância religiosa, como se estivéssemos fazendo uma ação religiosa.

Me lembro de uma vez em que estávamos em Santo André, após termos tido muitos encontros enriquecedores permeados por histórias, sorrisos, conversas e afetos na Biblioteca Cecília Meireles e estávamos escrevendo no chão com nossas sementes, retalhos e folhas, a palavra ancestralidade e um homem que havia atravessado a rua de sua igreja que ficava do outro lado, começou a “pregar” palavras de forma muito agressiva sem querer entender o que estávamos fazendo ali, sua esposa, tentava puxá-lo pelo braço dizendo que não valia a pena ele falar com a gente, como se estivéssemos fazendo algo que não pudesse ser feito, ou fôssemos pessoas que estivessem fazendo algum mal. Até tentamos explicar o que estávamos fazendo ali, mas o casal não quis saber, ele foi embora gritando suas palavras e ela foi embora com olhar de reprovação, neste caso, não tivemos nenhuma chance de contar uma história para que algo fosse transformado ou o encontro se tornasse melhor do que foi.

As histórias que contamos falam de orixás, princesas africanas, seres da mata, forças da natureza, criações do mundo, de como surgiu a escuridão, a tromba do elefante, o segredo da tartaruga, de quilombos, sacis, aldeias, amizades, amor, luta, resistência, dor, força e sabedoria, muita sabedoria e ensinamentos que ficam por conta da pessoa que está ouvindo. O intuito de contarmos estas histórias e assim, de alguma forma, por meio da oralidade, pudéssemos criar uma ponte para instigar as pessoas irem em busca de outras histórias e formações acerca desses universos culturais imensamente vastos tão responsáveis pela nossa formação, nos ensinou e nos ensina constantemente, os encontros que tivemos me transformou e me transforma sempre e a partir desses encontros tenho procurado me rever.

Em qualquer discurso no mundo todo, fala-se do encontro, fala-se da comunicação, fala-se de troca, fala-se até mesmo de dividir, no entanto, um verdadeiro encontro não acontece senão pela escuta, que escuta é essa? Não é ouvir com o ouvido, mas é ser sensível ao outro (KOYATÉ, Soutigui, Documentário: Um Griot, no Brasil. SESC)

Hoje, muita coisa não me passa mais despercebida, muitas coisas me incomodam absurdamente, me atento para muitas coisas que antes acabava não me atentando e tenho tentando sempre contribuir de alguma forma para que o que aprendi seja transmitido não só nas ações do coletivo mas em outras situações profissionais, seja numa reunião de família ou entre amigos, os encontros com as histórias e com as pessoas que estiveram conosco ao longo de nossa trajetória desde formadoras e formadores ao próprio público me ensinaram e me ensinam muito, passo constantemente por uma transformação que me faz estar sempre em movimento e aprendizado.

Desde que comecei este trabalho sou grata por tanta sabedoria que pude acessar tamanha a generosidade das pessoas que encontramos e que nos explicaram cada palavra, cada discussão, cada luta, cada conquista e cada injustiça, que precisamos falar disso cada vez mais, e começamos a pensar na branquitude como coloquei anteriormente e nos rever enquanto pessoas brancas ou socialmente brancas precisamos falar dos privilégios e de que é preciso perdê-los urgentemente, das violências que não vivenciamos, da importância de entendermos o peso da branquitude num país que foi colonizado de forma cruel e agressiva e com tantas desigualdades, de saber ouvir, do peso das palavras que são ditas e que devem ser constantemente revistas, repensadas e reinventadas.

Uma vez ouvi que as palavras são como flechas, uma vez que saem de nossas bocas elas podem curar, causar dor, afagar, espetar, angustiar, alegrar, ferir, seduzir, amar, doer, por isso, não existe “nem pode mais falar isso ou aquilo”, nunca deveria ter podido um dia, palavras que machucam e contribuem para o racismo e o preconceito deveriam não mais

existir, é necessário nos revermos e procurarmos saber não só apenas como não sermos racistas mas como sermos antirracistas.

Não basta não ser racista para melhorar a situação. A solução depende de uma reação assertiva e proativa de todos. O racismo se alimenta da indiferença e da inércia. É assim que ele fixa suas raízes e corrói a sociedade. Por outro lado, é a luta ferrenha do antirracismo, o combate direto e franco contra todos os tipos de preconceitos em todas as esferas e ambientes sociais, que pode promover, por meio da diversidade, uma sociedade democrática e com perspectivas de um futuro cada vez melhor. (GUIMARÃES, Juca, texto on line, site do Bayer Jovens, 2018, sem página)

Neste ensaio jamais conseguiria abarcar a completude do que vivenciamos, pois tantas vivências não caberiam em um único texto, mas o que posso dizer, é que tivemos muitas experiências e que ainda temos passado por muitas outras proporcionadas pelas histórias e pelos encontros. Busquei transmitir a partir da minha experiência pessoal e profissional algo coletivo, indo do micro das ações para o macro quando tudo foi tomando proporções maiores de compartilhamentos, disseminações e aprendizados, de se estar em relação com outras pessoas, de crianças à adultos, de grupos grandes para as rodas e formações e dos encontros com pessoas que não conhecíamos ao longo das intervenções narrativas.

“Costumamos dizer que a coisa mais difícil que existe é o conhecimento de si próprio, pensamos nos conhecer mas não nos conhecemos, só nos conhecemos pouco, podemos revelar a nós mesmos todos os dias, por isso dizem no meu país, quando se vê uma pessoa, nessa pessoa, há a pessoa da pessoa, e nós encontramos essas outras pessoas, as que nos enriquecem, as que nos revelam a nós mesmos, no encontro com os outros, e dizemos: se você ver o outro, não tenha medo de olhá-lo nos olhos, e você compreenderá que o que os aproxima, é muito maior do que o que os separa. Toda exclusão e toda rejeição, é fruto do desconhecimento do outro. (KOYATÉ, Soutigui, Documentário: Um Griot, no Brasil. SESC)

O Coletivo Cafuzas, dentro de suas lacunas históricas e políticas, bem como seus problemas enquanto grupo que vive aprendendo, sempre está se revendo, refletindo sobre as ações que desenvolve e seus formatos e está em constante estado de pesquisa. Aprendemos demais com os momentos bonitos e potentes que estar em contato com estes universos culturais, com seus saberes e fazeres tem trazido sempre, momentos estes que permanecerão para sempre em mim, e me transformaram e transformarão ainda mais e mais.

Desde o final do ano passado, nossa grande amiga e fundadora do Coletivo, Daniela Landin, passa a ser nossa grande parceira e colaboradora em ações e projetos pontuais como, por exemplo, o projeto “Palavras ancestrais: portais para encontros”, contemplado pelo Proac de Estímulo a Leitura 38/2018 em Bibliotecas Municipais que acabamos de realizar entre outras ações.

Temos também contado com parcerias muito queridas ao longo de nossa trajetória como as que já foram citadas durante o trabalho, que foram convidadas para nossas rodas e

formações e as quais agradei anteriormente, e também a de pessoas que estiveram conosco em ações pontuais ou nos ajudaram de alguma forma, nossa rede de amigos e amigas que também se interessam por diminuir barreiras e criar pontes de acesso para a construção de relações permeadas por respeito mútuo, igualdade de direitos, e de posturas antirracistas, meu muito obrigada a todas essas pessoas: Natali Santos, Gisahs Silva, Thais Fernanda, Mariana Castro, Cleydson Catarina, Patricia Ashanti, Aline Oliveira, Vanessa Ribeiro, Miralva Santos da Silva, Antônio Carlos Baffi, Marcela Camasmie, Fefê Camilo e Fernando Alabê, aos parceiros de registros tão sensíveis, delicados e profundos, Daisy Serena, Gyorgy Laszlo, Joice Rodrigues de Lima e Melquior Brito, dentre outras que estiveram conosco e ainda surgirão e as quais somos imensamente gratas. À Renata Felinto e Alexandre Araújo Bispo que estiveram tão presentes em nosso início e que contribuíram demais para nossa trajetória, pessoas pelas quais temos imenso carinho e admiração. As queridas convidadas desta banca Angela Pappiani e Ana Lúcia Nascimento e à minha querida orientadora Giselda Perê que generosamente aceitou este convite em meio a sua própria dissertação e demandas da vida. À minha família, minha mãe Ude, meu pai Julio, meu irmão Glauco e minhas irmãs Bárbara e Fernanda por me apoiarem, darem força e amor sempre, mesmo com a distância, da forma como cada um sabe e pode.

Aos aprendizados e aos encontros, que levarei para a vida, proporcionados por esta pós-graduação, nesta casa pela qual tenho tanto carinho, que aqui continue sendo lugar de afetos, aprendizados, resistência e compartilhamentos. Obrigada a todos e todas da minha turma, ao coordenador do curso Arthur Iraçu Fuscaldo e a um dos fundadores da Casa Tombada, Giuliano Tierno, e principalmente às manas Rebeca, Josi, Jana, Marília e Aline (que já citei como parceira), elas se fizeram muito presentes e me apoiaram demais.

E às parceiras cafuzas Daniela e Rosana, deixo aqui a minha mais sincera gratidão, pelos caminhos traçados e experiências vivenciadas, pelas sementes plantadas juntas que ficarão presentes em meu coração, pensamento, alma e colares.

CONCLUSÃO

É inegável o poder de aproximação que possui uma história, seu poder de afeto, de cura, de trazer reflexões sobre nós mesmos, o mundo e as pessoas a nossa volta, o poder de nos transportar para algum lugar, de nos possibilitar conhecer mundos e outras formas de se

estar aqui, ou de se estar em um lugar desconhecido, de entrar em contato com outras culturas e saberes, como no caso das indígenas, africanas e afro-brasileiras e seu enorme legado.

Só agradeço por ter entrado em contato com elas, por que não sou mais a mesma e nunca mais serei, para mim é muito estranho ser preciso falar do valor imensurável que as mesmas têm tamanha minha admiração e entendimento de como são ricas, potentes e transformadoras. Que cada semente que é plantada em um enorme terreno seja forte o suficiente para se espalhar por outras terras, possibilitando o combate a toda forma de violência.

Procurei trazer um pouco a questão da recepção das pessoas nesta ação, porque imagino que para elas, sempre foi um encontro inusitado, com o qual não estavam contando, inesperado, e já presenciei um rosto triste se iluminando pela história, ou uma pessoa que estava muito sozinha por querer estar, sendo generosa ao deixar o encontro acontecer, presenciei crianças acompanhadas de adultos escolhendo sementes com alegria, pessoas querendo a semente para elas.

Presenciei pessoas que sim, queriam que eu terminasse a história logo e fosse embora, foram momentos raros esses mas aconteceram por que é natural as vezes estarmos num estado de sombra que só o que queremos é o silêncio e a solidão, momentos estes também respeitados. Mas já presenciei momentos como este sendo transformados pelo poder da história, porque aí sim ela entrou verdadeiramente, de alguma forma.

Talvez por uma troca de energia, ou por meio da imaginação, a história contribuiu para que pessoa pudesse ter uma ponta de esperança ou um momento de carinho. Levar as histórias para as pessoas com certeza foi gratificante demais para mim, quantas vezes fui eu quem sai emocionada, alegre, pensativa, incomodada, angustiada ou feliz, enfim, transformada. A recepção de cada um é muito particular e depende muito da referência de cada um sobre o que está passando no momento.

Agradeço ter podido começar um trabalho que me possibilitasse entrar em contato, conhecer e descobrir muitos dos ensinamentos que nos foram negados e que uma vez em contato nos abrem para uma infinidade de saberes que podem nos agregar valores e alterar nossa visão de mundo. Estou na busca, não acaba, a cada encontro saio sempre com uma nova bagagem e que estes encontros acerca destas culturas sejam cada vez mais constantes e repletos de pessoas que estão buscando preencher as lacunas que geram formas de combater a opressão. Que as histórias sigam semeando encontros permeados por afetos e resistência.

Referências bibliográficas

ABREU, Luis Alberto de. **A restauração da narrativa**. O Percevejo, Rio de Janeiro, ano 8, n.9, p. 115-125. 2000

_____. **O narrador contemporâneo**.

ANTONIO, Luiz. **Minhas contas**. São Paulo: CosacNaify, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 5º. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *In: Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002.

CASTRO, Mariana dos Reis Gomes. **Estranho exercício**. Texto inédito. São Paulo, 2017.

HAMPATÉ BÂ, A. **A Tradição Viva**. In. História Geral da África. Vol. I: Metodologia e Pré-História da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo – 2.ed. rev. – Brasília: Unesco, 2010, p. 167-212.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

MANDELA, Nelson. **Meus contos africanos**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARTINS, Adilson. **O papagaio que não gostava de mentiras e outras fábulas africanas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

NORONHA, Sophia. **Branquitude**. Segunda edição, 2019.

QUIRINO, MARTINS, Kelly Tatiane. **Mito da democracia racial: a relação entre imaginário e a aceitação das cotas raciais como política pública no Brasil, a partir da análise de posts no site da UOL.** Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília. 2014.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Boaventura Souza. **“Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”.** In: SANTOS, B.S.; MENEZES, M.P. (Org.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.

VERGER, Pierre. **Lendas Africanas dos Orixás.** Editora Corrupio, Salvador. 2009.

Sites e vídeo:

AFREKA. Adinkra: **Um dicionário de valores na arte dos carimbos.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/adinkra-um-dicionario-de-valores-na-arte-dos-carimbos/>

BRANDÃO, Gerson: **Nossa força e ancestralidade.** Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/artigos/nossa-forca-e-ancestralidade-por-gerson-brandao>

BRUM, Eliane: **De uma branca para outra: O turbante e o conceito de existir violentamente.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/opinion/1487597060_574691.html

CAFUZAS, Coletivo. **Texto reflexivo: Encontros Cafuzos.** Mediação em arte. Disponível em: http://centrocultural.sp.gov.br/pdfs/mediacao_em_arte_encontros_cafuzos_2014.pdf

CHIIMAMANDA, Adichie: **O perigo de uma única história.** <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>

DOCUMENTÁRIO. **Sotigui Kouyaté, Um griot no Brasil.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjI

FELINTO, Renata: **A arte é educação e educação é para todos.** Disponível em: http://centrocultural.sp.gov.br/pdfs/mediacao_em_arte_renata_felinto_2014.pdf

GUIMARÃES, Juca: **Antirracismo é a base de sustentação da democracia.** Disponível em: <https://www.bayerjovens.com.br/pt/colunas/coluna/?materia=antirracismo-e-a-base-de-sustentacao-da-democracia>

LUZ, Natália da: **“Somos mediadores da sociedade e utilizamos a palavra como principal instrumento”, diz griot.** Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/somos-mediadores-da-sociedade-e-utilizamos-a-palavra-como-o-principal-instrumento-diz-griot>

MUNANGA, Kabengele: **“Entrevista com Kabengele Munanga”.** Disponível em: https://www.geledes.org.br/kabengelemunangaprofessor/?gclid=Cj0KCQjwqs3rBRCdARIsADe1pfTwnIZH_7OG_8k2VHgiDbVeA4ECQBybDY221z06TN1xlAIsRcANA8aAprtEALw_wcB

KRENAK, Ailton: **Narrativa Krenak: O eterno retorno do encontro.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/narrativa-krenak-o-eterno-retorno-do-encontro/>

VIEIRA, Kauê: **Jongo: memória viva dos antepassados negros no Brasil.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/jongo-memoria-viva-dos-antepassados-negros-brasil/>

_____ : **Bonecas Abayomi: Símbolo de resistência, tradição e poder feminino.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>